



Sabine Rihnert

Parques e áreas verdes abertas para a população são indicadores de qualidade de vida

CIDADES SAUDÁVEIS

Condições ambientais e bem estar social são fatores que influenciam saúde da população

Pela definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), município saudável é aquele que melhora, de modo contínuo, o seu meio ambiente físico e social utilizando todos os recursos de sua comunidade. Baseada nesse conceito, a OMS lançou, na década de 1980, a proposta *Cidades Saudáveis*. Transformada num movimento mundial, a proposta chegou à América Latina na década seguinte com o nome de *Municípios e Comunidades Saudáveis*, por meio da Organização Panamericana de Saúde (Opas), que integra a OMS. Embora ainda não exista nenhuma metodologia de avaliação com indi-

cadores das mudanças ocorridas nas cidades após a aplicação das estratégias propostas pelo movimento, os resultados podem ser percebidos em cada região e as avaliações, por ora, são apenas descritivas. Rosilda Mendes, pesquisadora do Centro de Estudos, Pesquisas e Documentação em Cidades e Municípios Saudáveis (Cepedoc) da Universidade de São Paulo (USP), informa que a proposta da OMS surgiu a partir de um estudo canadense que verificou que, mesmo nos países ricos, grandes gastos em saúde não produzem necessariamente uma população mais saudável.

“A OMS propôs, então, a promoção de saúde por meio de investimentos em qualidade de vida e melhoria do ambiente em que se vive”, afirma Rosilda, que elaborou o primeiro estudo brasileiro sobre *Cidades Saudáveis* no seu doutorado em saúde pública, defendido em 2000. “A saúde expressa a qualidade de vida de uma população, um bem-estar da sociedade. Produzir saúde socialmente é gerar processos participativos e orientá-los”, completa a autora.

Inicialmente experimentada pela cidade de Toronto, a proposta da OMS expandiu-se para outras cidades do Canadá, da Europa e da Austrália. Só no continente europeu, mais de mil cidades em cerca de 80 países participam do movimento. Na América Latina, *Cidades Saudáveis* chegou na década de 1990 e já atingiu cerca de metade dos países, dentre eles, o Brasil.

ETAPAS PARA TRANSFORMAÇÃO Para a OMS, um município se torna saudável quando seus líderes políticos, organizações locais e cidadãos comprometem-se e iniciam o processo de melhorar contínua e progressivamente as condições de saúde e a qualidade de vida dos habitantes do local. Assim, por meio de discussões entre a sociedade e os dirigentes, são criadas iniciativas sustentáveis e parcerias entre as cidades (o que é denominado de “rede de cidades”), além de políticas pú-



blicas visando a promoção de saúde em cada região.

Cada cidade deve elaborar um projeto próprio, que irá complementar o sistema público de saúde, mas não substituí-lo. Cada plano de trabalho deve ter ações intersetoriais que incluam melhoria do meio ambiente (como qualidade do ar e saneamento básico, no caso das regiões urbanas); desenvolvimento de serviços de saúde nas áreas carentes e controle e prevenção de doenças específicas da região. “A OMS age como uma fonte de recursos técnicos e de informações, promovendo o uso de metodologias, de instrumentos e de capacitação para o desenvolvimento das propostas do movimento”, explica Marilyn Rice, consultora regional de municípios da Opas de Washington (EUA). O conceito “saudável” varia em cada cidade e depende das condições



Moradores de rua mostram desequilíbrio social

BRASIL SAUDÁVEL

A participação das cidades brasileiras no movimento *Cidades Saudáveis* é normalmente conduzida por um grupo de pesquisadores ligados a uma universidade ou instituto de pesquisa que, a partir do conhecimento da idéia da OMS, desenvolvem um acompanhamento metodológico de ações públicas que visam melhorar a qualidade de vida de uma determinada comunidade, cidade ou rede de cidades. Atualmente, o movimento já atinge as regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país.

São Paulo foi a primeira cidade brasileira a ingressar no movimento, em 1990. O comprometimento foi reafirmado com um convênio entre a prefeitura, a Opas e a USP, em dezembro de 2003. A cidade tem índice de desemprego de 20%, segundo dados divulgados no início de 2004 pela Fundação Seade/Dieese, e pelo menos 10% da sua população mora nas mais de 2 mil favelas espalhadas pela cidade, de acordo com a Secretaria da Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sehab). Portanto, está muito distante do que a OMS denomina saudável. As estratégias para tornar São Paulo uma cidade saudável ainda serão definidas. A presidente do Cepedoc, Márcia Westphal, acredita que muitos dos problemas sociais e ambientais encontrados em São Paulo não se restringem às metrópoles. Para melhorar a qualidade de vida das cidades, o setor privado, o terceiro setor e a população devem trabalhar em conjunto, apoiadas por um gestor municipal. “É preciso melhorar a administração, que é desintegrada, das cidades no Brasil, além de estimular a participação popular nas ações públicas, via todos as instituições representativas”, acrescenta Márcia. Mais informações sobre o movimento *Municípios e Comunidades Saudáveis* estão no site da Opas (www.opas.org.br). Até o final do ano deve ser publicado um manual com a metodologia de avaliação das estratégias do movimento.

sociais, econômicas e até climáticas da região. No Peru, por exemplo, algumas cidades investiram na formação de um comitê de liderança para lidar com os efeitos causados pelo fenômeno *El Niño*, uma constante no país. Na Costa Rica, foram alcançados resultados positivos em relação à limpeza das cidades e aumento de coleta de lixo reciclável. Cuba investiu na

conscientização para o consumo de alimentos saudáveis, objetivando diminuir o índice de baixo peso do país. Já a Colômbia tem investido em políticas públicas, como campanhas pela redução do consumo de álcool e contra o porte de armas, visando diminuir os altos índices de criminalidade do país, em especial na capital, Bogotá.

Sabine Righetti